



AS BASES DESENVOLVIMENTAIS DA EMPATIA: UM MODELO TEÓRICO INTEGRATIVO

Dardielle Santos Dias (dardysantos@hotmail.com)

Regina Basso Zanon (reginazanon@ufgd.edu.br)

A empatia pode ser definida como uma resposta afetiva mais apropriada à situação do objeto do que à situação do sujeito e relaciona-se à ligada à aquisição de habilidades socioemocionais, aprimoramento das funções psicológicas superiores e desenvolvimento moral. Assim, acredita-se que compreender os diferentes modelos explicativos para o desenvolvimento da empatia é fundamental para se pensar em estratégias e intervenções que visem promover comportamentos pró-sociais e de cuidado. Compreender as bases do desenvolvimento da empatia a partir da construção de uma visão integrativa de diferentes modelos teóricos, bem como identificar mecanismos relacionados ao desenvolvimento da empatia na infância. Trata-se de estudo teórico de revisão crítica, integrativa e assistemática da literatura. As referências foram selecionadas em bases de dados nacionais e internacionais, e foram analisadas qualitativamente. A empatia é compreendida como um construto multidimensional, abrangendo aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais, sendo que as respostas empáticas podem mobilizar um ou vários aspectos desses sistemas citados. As teorias sobre a empatia ressaltam a importância dos fatores neurobiológicos e filogenéticos, bem como as relações objetivas, configurações vinculares, aspectos psicológicos, a Teoria da Mente, o desenvolvimento moral, a mediação e as vivências para a o desenvolvimento da empatia. Resultados: Foram encontrados três modelos de teóricos que propuseram compreender a empatia a partir de visões integradas dos seus componentes: 1) Decety e Jackson (2004), que enfatizaram os aspectos emocionais, autoconsciência e flexibilidade cognitiva; 2) Blair (2005), que ressaltou a empatia cognitiva, motriz e emocional; e 3) Preston e De Waal (2002), que apresentam o Mecanismos Percepção-Ação (PAM). Observou-se que os dois primeiros modelos não supõem a importância dos determinantes sociais, há ênfase no aparato neurológico e não há referência à maneira de como a empatia se desenvolve ao longo da vida. Em alternativa, o modelo teórico de Preston e De Waal (2002) considera a empatia como uma classe superordenada de fenômenos, que envolve mecanismos que vão desde o aparato biológico ao aspecto cognoscível e comportamental, com implicações filogenéticas e ontogenéticas. Nesse sentido, a empatia não é um fenômeno que surge “a partir de”, ela está posta antes mesmo do nascimento e sofre mudanças qualitativas ao longo da vida do indivíduo. Esses autores sinalizam a coerência na aplicação PAM à empatia, destacando que as percepções e as representações que o sujeito tem do objeto irão direcionar o comportamento empático. A empatia está constituída sobre uma base biológica, aprimorando-se com a aquisição de habilidades sofisticadas. O PAM mostra-se como um modelo integrativo e inovador, cuja aplicação à empatia é extremamente pertinente, visto que engloba aspectos biológicos emocionais, cognitivos, comportamentais e sociais da empatia. Agradecemos à Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD pelo apoio financeiro essencial para a realização dessa pesquisa.